

**“CONTOS SICILIANOS”, DE GIOVANNI VERGA:
UM EXERCÍCIO INTRATEXTUAL**

Suely Aparecida Zeoula de MIRANDA *

RESUMO

O presente estudo pretende tecer algumas considerações a respeito dos contos *Cavalleria Rusticana* e *Ruivo Mau-Pêlo*, de Giovanni Verga, textos de cunho realista que apresentam algumas “pontes” levando, pelos caminhos da intratextualidade, a interessantes possibilidades de leitura e interpretação.

PALAVRAS-CHAVE: Realismo. Conto. Interpretação. Intratextualidade.

INTRODUÇÃO

A Hermenêutica, ciência e arte da interpretação, nos leva a alguns questionamentos acerca da leitura de um texto: qual é seu sentido? Qual é a pertinência do sentido de intenção do autor? É possível que compreendamos textos que nos são estranhos culturalmente?

Segundo Compagnon (2003), interpretar é comparar, descobrindo, entre textos, diferenças e semelhanças, no que se refere às palavras, ao sentido, ou a ambos. É preciso lembrar que todo enunciado mantém relações com outros enunciados.

Não se pode esquecer, por outro lado, que o leitor vai para o texto com suas próprias normas e valores, que são modificados pela experiência da leitura. Segundo Eco (*apud* COMPAGNON, 2003, p. 156), “toda obra de arte é aberta a um leque ilimitado de leituras possíveis.” E ler, segundo Perrone-Moisés (1998), é dar sentido, sincronizar, vivificar, escolher.

Objetivamos, portanto, com este trabalho, apresentar as leituras e interpretações possíveis dos referidos contos de Verga, através do paralelismo, da comparação.

Resumo das obras

Cavalleria Rusticana

Turiddu Macca, filho de Nhá Núnzia, volta para sua aldeia depois de servir ao exército por muitos anos.

Ao chegar, fica sabendo que Lola, por quem sempre estivera apaixonado, vai se casar com Álfio, um rico carroceiro. Turiddu pede à moça que não o faça, mas ela se mostra decidida. Após o casamento de Lola, Turiddu tenta cortejar Santa, filha de Cola, o vinhateiro. Mas, pouco tempo depois, volta a procurar Lola e os dois se encontram, às escondidas.

*Mestre em Estudos Literários pela UNESP- Araraquara. Docente da Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Educação São Luís – Jaboicabal. E-mail: suelyzm@ig.com.br

Santa descobre tudo e conta toda a história para Álfio, que desafia Turiddu para um duelo mortal. Na luta, os dois acabam feridos, mas Álfio leva a melhor: Turiddu morre, pensando na mãe que, em vão, o espera em casa.

Ruivo Mau-Pêlo

Mau-Pêlo era o apelido de um menino ruivo, que trabalhava numa jazida de areia vermelha. Tratado a bofetões e pontapés, só sabia fazer maldades e cada vez parecia pior: “carrancudo, sombrio, rosnador, esquivo.”

Seu pai, o único que lhe dera um pouco de carinho, morrera soterrado pela areia, quando trabalhava na jazida. Esse fato marcou o menino de maneira profunda e definitiva. Aonde quer que fosse, a imagem do pai e sua morte brutal, perseguiam-no.

Até que um dia, mandaram que ele descesse ao labirinto da jazida, em busca de uma passagem subterrânea. Todos tinham medo dessa aventura: quem descesse, corria o risco de não retornar... Mas ele aceitou o desafio. Afinal, quem se importaria, se desaparecesse?

E foi o que aconteceu: ele desceu ao subterrâneo e nunca mais voltou. Mas, então, passou a existir como jamais havia existido: a cada momento, todos se lembram dele pois têm medo que ele apareça, com seus cabelos ruivos e seu olhar maligno.

Turiddu e Mau-Pêlo: encontros e desencontros

Os dois contos de Verga primam pela tragicidade. As personagens centrais são estranhas e têm um quê de tristeza, solidão e desalento.

Turiddu vive na aldeia, à luz do sol, enquanto que Mau-Pêlo vive nas sombras, na escuridão do subterrâneo. Aqui, nota-se a APORIA, a contradição, que dentro da narrativa é sempre eliminada por uma coerência superior. Em se tratando da comparação a que nos propomos neste estudo, existem diferenças que aproximam as personagens, pelo fascínio da própria contradição. Aí, então fica clara a coerência, embutida na situação subjetiva.

Ambos, Turiddu e Mau-Pêlo, são perseguidos pelas lembranças: o primeiro, recorda as juras de uma mulher; o segundo, o carinho do pai morto. Temos aqui, a ANALEPSE que, segundo Genette (1976), é a evocação, na narrativa, de um acontecimento passado.

Turiddu dá valor à aparência: seu uniforme de soldado o faz sentir-se especial; Mau-Pêlo vive coberto de andrajos, só se importando com a aparência quando pode vestir a roupa do pai: ela, então, é o pai e vesti-la faz com que o menino **seja ele**... Essa evocação mitológica é o que Usener (apud CASSIRER, 2003), chama de TRÔ: um poder imanente a um objeto, devido ao qual se recebe alguma graça. A roupa do pai contém esse poder, para Mau-Pêlo.

Em ambos os contos, aparecem os traços psicológicos das personagens, indicando a dissimulação de Turiddu, quando corteja Santa, ganha as boas graças de seu pai, elogia, cativa, engana, apenas para vingar-se de Lola. Pai e filha são usados, são instrumento de uma vingança. Mau-Pêlo, ao contrário, é

autêntico o tempo todo. Tem conceitos arraigados, não abre mão deles – nem de sua própria maldade – é sempre mordaz, cortante, mas direto, autêntico.

Mais uma vez, a APORIA, a contradição, infunde concretude e coerência à narrativa: a história de Mau-Pêlo – triste, rude, deprimente – termina de maneira sutil, quase doce; a de Turiddu – leve, doce – termina de maneira sangrenta, dura, brutal. Mas, segundo Cândido *et. al.* (1970), a verossimilhança depende da organização estética e, graças a ela, até os paradoxos se tornam plenamente verossímeis: a narrativa é mais coerente que a vida, porque na vida tudo é possível e, portanto, imprevisível.

No final, as personagens têm, na mente, figuras familiares: Turiddu, a mãe; Mau-Pêlo, o pai. Mas existe uma diferença fundamental entre eles: o primeiro é morto sem escolha; o segundo caminha voluntariamente para a morte. Para Turiddu, a morte é um castigo; para Mau-Pêlo, é a libertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As comparações entre os contos nos pareceram realmente ricas de significados: desde os títulos, podemos perceber relações surpreendentes. A história de Turiddu chama-se “Cavalleria Rusticana”, numa clara alusão à ópera que fala de soldados, exército. Turiddu é um soldado, daí o título. A história de Mau-Pêlo leva o seu nome: “Ruivo Mau-Pêlo.” Vê-se que os títulos casam bem com a narrativa: a sutileza, no primeiro, a objetividade, no segundo.

Contudo, apesar da aparente leveza do primeiro e da aparente rudeza do segundo, este nos parece mais denso, mais vivo, cheio de sensibilidade, com momentos de extrema delicadeza:

[...] nas lindas noites de verão as estrelas brilhavam até mesmo sobre a “sciara”, e os campos em redor também se tornavam negros como as lavas. Então o “Mau-Pêlo”, cansado do trabalho de um longo dia, atirava-se sobre a enxerga com o rosto a olhar o céu, desfrutando daquela paz e dos luzeiros lá do alto. (VERGA, 1983, p.67)

Apesar da sujeira que o cerca, Mau-Pêlo é limpo, transparente. Seu desaparecimento é uma escolha calma, consciente. Seu destino é aceitar e aceitar-se. E, apesar de tudo, é um indivíduo questionador, revolucionário: cultiva hábitos próprios e tem perguntas de surpreendentes respostas: “Está vendo aquela cadela preta, que não tem medo das suas pedradas? Não tem medo porque tem mais fome que os outros.” (VERGA 1983, p. 66).

Mau-Pêlo, surpreendentemente, é uma leitura que emociona e entenece.

ABSTRACT

This present study intends to comment some considerations about the Giovanni Verga's tales Cavalleria Rusticana e Ruivo Mau-Pêlo, realist style's texts, that introduce some “links” taking, through the roads of intratextuality, to interesting means of reading and interpretation.

KEYWORDS: *Realism. Tale. Interpretation. Intratextuality.*

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. *et. al.* *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- CASSIRER, E. *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- COMPAGNON, A. *O Demônio da Narrativa: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Arcádia, 1976.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Altas Literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VERGA, G. *Contos Sicilianos*. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1983.